

CONFEDERAÇÃO ABOLICIONISTA

---

# DISCURSO

PROFERIDO PELO

DEPUTADO ANTONIO PINTO

NO

THEATRO POLYTHEAMA

Em 29 de Junho de 1884



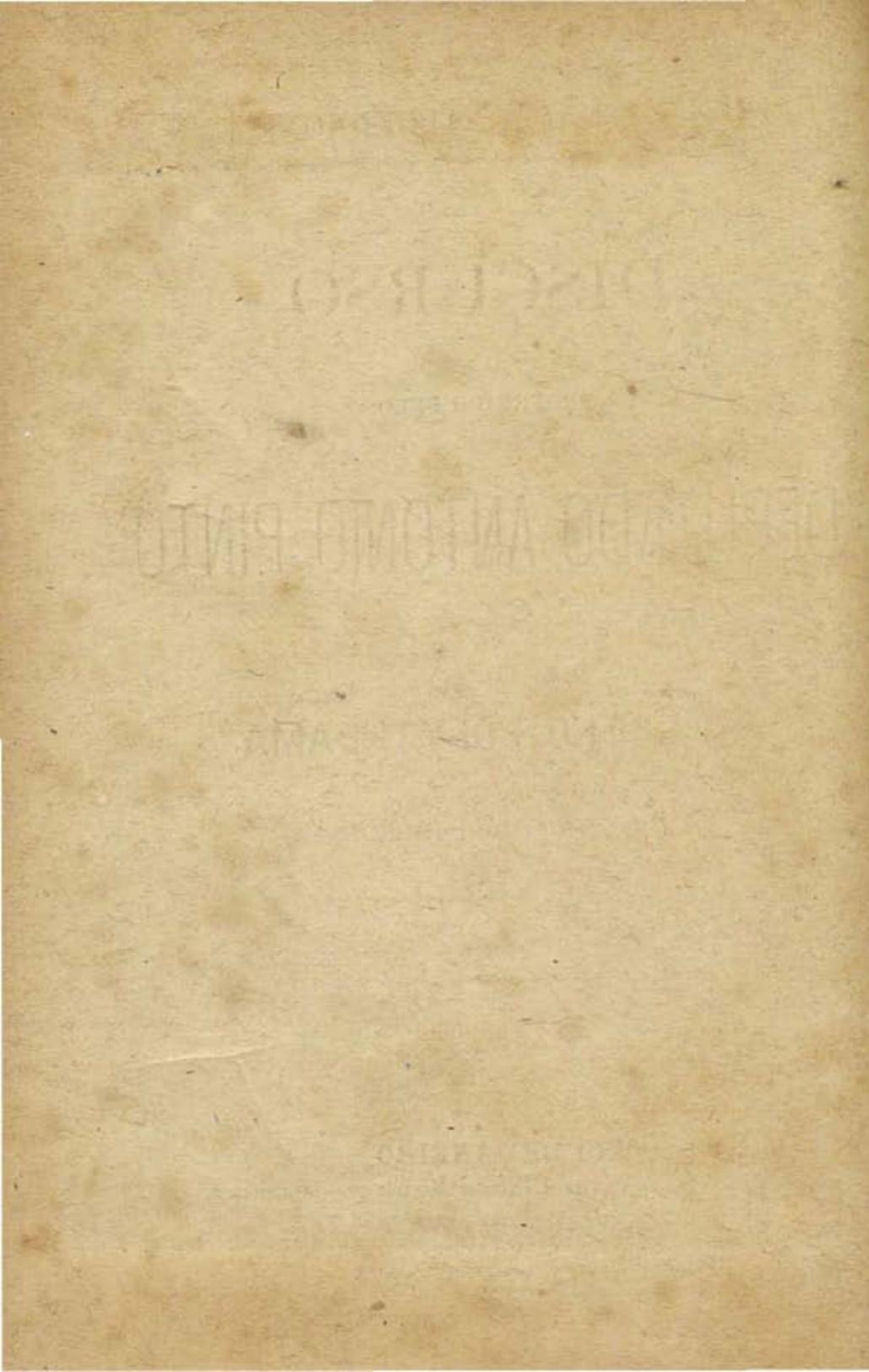
**RIO DE JANEIRO**

Typ. CENTRAL, de Evaristo Rodrigues da Costa

7 TRAVESSA DO OUVIDOR 7

RUA LIVRE

1884



## *Concidadãos e amigos*

Não vos sirva de estranheza a minha presença neste lugar ; não vos sirva de reparo que eu venha occupar neste momento a tribuna popular para a qual me arrastam o dever e o patriotismo, e ninguém supponha que fico mal, não ; mantenho aqui com a mesma dignidade e independencia a minha posição da camara dos Srs. deputados. (*Applausos prolongados.*)

Senhores, a tribuna do parlamento é por certo uma grande cousa e uma grande honra, mas para quem, como eu, tem ante si o maximo programma da redempção dos captivos ; para quem, como eu, esforça-se em defender a causa dos pequenos e miseraveis ; para quem, como eu, é filho do povo, e vive no povo e pelo povo, sente-se perfeitamente

bem nesta tribuna. (*Applausos.*) Direi áquelles que entendem que esta tribuna é um rebaixamento á posição do deputado, que a primeira obrigação, a mais digna excellencia do representante do paiz é viver em contacto com o povo (*muito bem; applausos*) no qual residem os mais nobres estímulos e as mais gloriosas aspirações.

Senhores, eu confesso com a maior franqueza, jámais me senti tão bem e mais dignamente do que perante vós, que me conheceis, que me entendeis, que adivinhais, pôde-se dizer, os meus escrúpulos, as minhas anciedades e a minha consciencia, porque o povo e as multidões, que constituem a verdadeira soberania nacional, perscrutam por instincto a firmeza e lealdade dos que os servem. (*Muito bem, muito bem.*)

Portanto, senhores, sirva esta explicação de justificação de minha presença nesta tribuna.

Aquelles que pensam o contrario, e que se refugiam á sombra de ridicula aristocracia, mal sabem encobrir o seu erro, porque a verdadeira liberdade é democrata e chã, e o nosso paiz não pôde viver um só instante sob o regimen obscurantista das fidalguias. (*Applausos.*)

Assim, senhores, congratulo-me convosco e commigo mesmo por dirigir-vos a palavra, não só como representante de uma provincia livre, como dos vossos proprios sentimentos, desses sentimentos

heroicos, que accendem o meu enthusiasmo, as minhas crenças, as minhas aspirações e a minha fortaleza individual. (*Applausos prolongados.*) Ha só um motivo que me contraria, e é que venho succeder nesta tribuna ao distincto orador Joaquim Nabuco, cuja palavra repassada dos encantos da eloquencia, cujo animo alentado pelas virtudes de um grande coração, deixam após de si a temeridade mediocre das substituições. (*Bravos.*) Portanto, o illustre e benigno auditorio venha em meu auxilio, dispensando ao fraco orador que ora occupa esta tribuna a sua benevola condescendencia.

Senhores, nesta terra de esclavagistas intransigentes, onde o coração resfolga a custo pelas theorias insensatas da usura, já não é muito dar o tratamento que dão a nós os abolicionistas, de proletarios, desordeiros, loucos e petroleiros. Mas, felizmente, os nossos inimigos são cobardes, e ao passo que ameaçam escalar o céu com o poder da riqueza e prepotencia, nós, os pequenos, nós, os amantes das grandes causas, vamos discutindo desassombrados a magna questão do elemento servil, e cada dia que passa vamos apagando esta mancha hedionda pelo esforço de nossa generosidade. E já não temos feito muito pouco, senhores, e mais uma energia, um sacrificio, e a nossa gloria será certa. Nada de desanimar, que o futuro não pertence senão aos que trabalham e soffrem com paciencia :

se hoje somos para os antropophagos da dignidade humana os desordeiros e petroleiros, seremos amanhã os vingadores da honra nacional. (*Applausos.*)

Senhores, não é preciso que eu vos demonstre com argumentos philosophicos, com a força do raciocinio e os factos sociaes, que a escravidão é um crime, que a escravidão é um roubo. Seria isto ocioso, porque acima de tudo ergue-se a consciencia humana para vingar a justiça e o direito ultrajado. É de primeira intuição que todos os homens são iguaes por natureza e por destino; tudo o que não fôr isto é um producto da ignorancia ou um capricho da força, e a força quando não é justa é a degradação de si mesma, é a tyrannia. (*Apoiados.*)

A escravidão não foi e nem podia ser consagrada na lei fundamental deste paiz, a qual fundando o regimen constitucional nas liberdades publicas, jámais poderia cogitar de semelhante infamia. Os verdadeiros brasileiros, e que se orgulham de o ser, e que se orgulham da grandeza e magestade do nosso pacto fundamental, jámais viram nelle, por qualquer modo ou interpretação, a sanção desse acto excepcional e indigno qual é a escravidão.

Quaes são os cidadãos, os homens livres pela nossa constituição politica, nós todos conhecemos; quaes os escravos, nós todos ignoramos. Pelo art. 6.º da constituição « são cidadãos brasileiros todos os

que nascem no Brazil, ou sejam ingenuos ou libertos. » Vê-se, portanto, que o legislador constituinte só indirectamente deu a entender a escravidão, mas não a estabeleceu de modo claro e positivo. A escravidão não se presume, pois é um estado excepcional e contrario ás leis da natureza e dignidade humana. Serão nossos escravos os vencidos pela nossa força, pelo nosso poder ?

Os romanos, senhores, os poderosos dominadores do universo, consideravam escravos os vencidos nas suas batalhas, mas para justificação de semelhante violação ao direito alheio, ainda eram grandes consequentes, negavam a personalidade de seus vencidos e escravos, e os reduziam a *cousas*, porque só sobre as *cousas* podia sustentar-se a propriedade. Tal era o fundamento da escravidão, tal a justificação de sua existencia.

Nós estamos no mesmo caso, procedemos com a mesma logica, somos consequentes como os romanos na consagração da tyrannia? Não, senhores, nós somos uns imbecis, poderosos vilões, que estatuímos a escravidão em prova daquillo que se chama, perdoem-me a franqueza, simplesmente infamia. (*Applausos.*) Reconhecemos que os nossos escravos são pessoas, e como taes iguaes a nós, e os fazemos escravos, não pela conquista de nosso valor, mas pela perversão de nossa dignidade. O cidadão romano era o symbolo de uma força, o

cidadão brasileiro a personificação de uma fraqueza. E é uma verdade, senhores, não fizemos escravos pela conquista, pelo poder de nossas armas, mas pela insidia e pelo roubo (*applausos.*) Portanto, dissemos muito bem que o tal e tão decantado direito de propriedade escrava entre nós é um crime, e repetimos á saciedade, é um crime infamante (*applausos prolongados*), que depõe contra as nossas liberdades constituídas perante as nações civilizadas.

Se é um principio incontestavel que o homem não pôde ser propriedade do homem pelo direito inalienavel de sua personalidade, que as nossas leis reconhecem no escravo, é tambem incontestavel que é um erro e erro gravissimo a indemnisação da liberdade, porque a liberdade não é objecto de compra e venda. Ninguém tem o direito de vender-se; ninguém tem o direito de comprar o seu semelhante. (*Apoiados; muito bem.*) Assim, pois, senhores, nós abolicionistas jamais devemos pedir a emancipação de nossos irmãos pela indemnisação, pois esta é a confirmação tacita de uma propriedade que desconhecemos. Não são 500\$, 600\$, 700\$, 800\$, e mais, toda fortuna possivel que bastará para comprar aquillo que não pôde ser comprado — a liberdade humana. (*Bravos.*)

A emancipação dos nossos escravos deve ser gratuita, pois só desse modo reconheceremos e respeitaremos o primeiro e mais sagrado direito do

homem. De hoje em diante todas as sociedades abolicionistas não devem concorrer para a libertação dos escravos por aquelle meio reprovado.

UM ESPECTADOR : — A escravidão é moeda falsa.

O ORADOR : — A escravidão, diz muito bem o meu nobre interlocutor, é uma moeda falsa, porque ella não foi estabelecida na carta de nossa independença ; porque ella não nos veio pela força, como aconteceu com os romanos ; porque não está nos sentimentos da maioria dos brazileiros, que a repellem como uma injuria ; porque não só o pensamento como o coração protestam contra tal indignidade. Só os endurecidos, que cevam-se nas desgraças alheias, podem sustental-a, como já sustentaram o trafico e o ventre escravo. (*Applausos.*)

Não é necessario, senhores, que eu vos diga que o homem é sempre o homem qualquer que seja a sua condição. O escravo tem as mesmas faculdades que nós temos, o mesmo coração, os mesmos sentimentos e affectos, e muitas vezes são muito superiores áquelles que se dizem seus senhores, que vaidosos e embrutecidos mal podem comprehender a sua inferioridade. Entretanto, são estes os que reconhecem e até sustentam que a escravidão é uma instituição humanitaria !

Ainda hoje tive o desprazer de ler as palavras de um representante do paiz na camara vitalicia,

declarando-se esclavocrata, e collocando-se na vanguarda do esclavagismo como o seu mais valente campeão. Oh! senhores, o Sr. Martinho Campos engana-se a si mesmo, e não conseguirá enganar os outros. É mais facil elle ficar petrificado em Cebolas (*riso, applausos*) affrontando com a sua impotencia a acção do tempo e do progresso, do que incutir seus sentimentos no coração deste povo, generoso e grande, a quem só falta uma cousa — é governo na altura de seus destinos.

Felizmente, senhores, a má semente não medra, e a propaganda abolicionista, pela generosidade de suas idéas, pela intrepidez de seus soldados, vae por diante, colhendo os melhores resultados e plantando no animo de todos os brazileiros as boas doutrinas. As nossas palavras não são perdidas, e já vão abrindo espaço nas altas regiões do poder, o qual, quer queira quer não queira, ha de ouvil-as, e afinal aceitar-as em homenagem á opinião. A luta está aberta, esperemos os acontecimentos... (*Muito bem.*)

Neste momento o poder publico promette vir ao nosso encontro, acha que temos razão, nos attende e até nos applaude. Ainda bem, senhores, que a nossa perseverança não é de todo esquecida, e perseveremos mais e mais que venceremos. Ninguem abandone o seu posto, e o povo, que é o grande arbitro de seus proprios destinos,

continue a lembrar-se de si mesmo e dos seus direitos.

As grandes causas não morrem, e a que sustentamos é do numero daquellas que tiram sua força não dos partidos, mas da humanidade inteira. E a prova é que o nosso governo, receiando talvez de sua obstinação, promete attender aos reclamos do povo.

UM ESPECTADOR: — O governo agora é que está descendo até o povo.

O ORADOR: — Não, o governo não desce até o povo, elle sóbe, porque o povo é a verdadeira soberania, cujas idéas e prescripções hão de ser infallivelmente aceitas por aquelles que se dizem seus dominadores, e o governo que se divorcia do povo não é governo, é um mecanismo fraco que se quebrará ao primeiro impulso.

Congratulemo-nos, senhores, que se avisinha o dia dos nossos triumphos, que a nossa imprensa e propaganda impoem aos grandes e poderosos. Esta é a certeza de nossa força, que a opinião publica sanciona e glorifica.

Ainda uma vez vos digo, senhores, firmemos este ponto, se é verdade que a escravidão é um roubo; que o homem não pôde escravizar o homem pela igualdade de sua natureza e de seu destino; que todos somos irmãos, e que a liberdade não se compra e nem se vende, pois ella constitue irremis-

sivelmente, a grandeza moral do homem, daqui em diante respeitemos esse direito sagrado. Libertemos o escravo por amor da propria liberdade; libertemos o escravo por amor da dignidade do homem. Nem mais um vinitem em troca da liberdade; nem mais um passo neste sentido. (*Applausos.*)

Aquelles que se dizem emancipadores são verdadeiros escravocratas, especulam á bocca do cofre com o rebaixamento da personalidade humana, vão calculando a sua usura pela dignidade alheia. Estas idéas, que vos aconselho, foram bellamente realisadas em minha província, onde a propaganda abolicionista se fez sem dinheiro e sem especulação.

Todos vós conheceis o Ceará, que elle é pobre, e que ha bem pouco tempo foi flagellado por uma desgraça tremenda, que parecia devorar-lhe a existencia se vós não a soccorresseis com a vossa generosidade. Entretanto, não morreu e nem se apagou no coração daquelle povo a grandeza dos sentimentos; ao contrario o soffrimento apurou o seu amor, que hoje póde servir de lição ás suas irmãs do Sul. A confraternisação dos escravos pela desgraça trouxe a confraternisação social pela liberdade. (*Applausos.*) Durante a secca e suas terriveis inclemencias o que era o escravo? Era o companheiro da dôr e da agonia, era o irmão nas lagrimas e do exilio, era aquelle que muitas vezes

era o heróe na familia, porque sua vida de torturas não era nova, era, pôde-se dizer, a continuação dos longos padecimentos do captiveiro. D'ahi o reconhecimento de que todos são iguaes pela natureza; d'ahi a mutua sympathia entre o senhor e o escravo; d'ahi o movimento abolicionista do Ceará, tão injustamente calumniado, mas tão justamente glorioso. (*Applausos.*)

Não obstante, senhores, não faltam invejosos para injuriar a honra da minha provincia, não faltam calumniadores para tismar e obscurecer a sua gloria. Até cearenses ingratos procuram macular os brãos de sua terra natal; são verdadeiros blasphemos que hão de tirar a sua celebridade do proprio descredito de suas nullidades. Desgraçados! que nem se quer comprehendem a sua propria des-honra!

O Ceará, senhores, não é abolicionista de hoje ou de hontem, não; o seu movimento vem de mais longe. No anno de 1852 o cearense Pedro Pereira da Silva Guimarães, deputado geral, offereceu á camara temporaria um projecto de lei para libertar o ventre escravo. Então, a voz do sabio patriota perdeu-se no esquecimento, e a sua pessoa, depois de ter deixado nos annaes do parlamento o sello de uma grande individualidade, desapareceu na pobreza e no tumulto, de onde reivindicamos hoje a sua memoria, para defeza de nossa honra.

Em 1867 a assembléa provincial de minha provincia decretou uma verba para a libertação de creanças escravas. Essa lei foi executada no meio do applauso geral, e foi, póde-se dizer, a brilhante aurora da de 28 de Setembro, desse padrão immorredouro do nome de Rio-Branco. Já se vê, portanto, senhores, que o Ceará se preparava de longa data para realizar a grande reforma do elemento servil; os animos estavam preparados, e as tendencias eram irresistiveis.

Diz-se aqui no Sul, e tem-se repetido á saciedade, que a propaganda abolicionista do Ceará foi o fructo da violencia, do arbitrio e da coacção. Não é verdade, senhores, eu vos affirmo, tudo alli correu naturalmente e sem o minimo esforço, com pequenas excepções de um ou outro senhor desalmado, como os ha em toda a parte. Desde 1880, quando o movimento tomou proporções serias, todos os cearenses se manifestaram em favor da idéa com indiscriptivel enthusiasmo, em todos os municipios se levantaram sociedades abolicionistas, que disputavam a primazia da emancipação de seus escravos.

Em Baturité, onde eu residia então, o movimento foi rapido, e, póde-se dizer, quasi instantaneo. Baturité, que é o principal centro agricola da provincia, e que possuia 880 escravos, libertou-se em menos de 15 dias, sem dinheiro e sem indemnisação, e assim deu-se em toda provincia. Onde a

violencia e a coacção, senhores? Por mais que gritem contra nós os cearenses, nada conseguirão os calumniadores, refutados por vós mesmos, senhores, pelo heroico e brioso povo fluminense, que, tocado pela grandeza de nossos feitos, levantou-se por entre festas e flores para receber a lendaria jangada cearense. E o que significa essa jangada, senhores? Não é o nome e o heroismo cearenses engrandecidos por vós, admirados por vós, vingadas assim as calumnias atiradas á generosidade de uma provincia que resolveu pacificamente a magna questão que convulsiona o paiz? Sim, senhores, o Ceará merece os nossos applausos, e não serão vozes isoladas e odientas que empanarão o brilho de sua gloria. (*Applausos.*)

Por uma coincidência notavel, agora mesmo, quando occupo esta tribuna, se distribue por entre vós um folheto contendo um bello discurso do illustrado Sr. senador Christiano Ottoni, o qual, dominado por falsas informações, pela insidia de invejosos detractores, confessa não ter a minima admiração pelo movimento abolicionista do Ceará, e ao contrario louva e exalta o da provincia do Amazonas. Creio que S. Ex. é injusto, injustissimo para com o Ceará, o qual esperava de S. Ex., como de todos os homens de talento e coração, uma correspondencia na altura do seu merecimento. Sem duvida, senhores, nem de outro modo devera ser.

Não posso negar, e ninguem por certo negará ao Amazonas a elevação e nobreza com que essa bella e rica filha do Norte, balouçando-se na verde coma de suas florestas virgens, e revendo-se carinhosa nas crystalinas aguas de seus rios gigantes, acaba de engrandecer o seu nome já tão celebre por outros titulos com o florão de sua liberdade. Mas, senhores, o Ceará, pobre como é, alquebrado pela desventura, foi o romeiro impavido que lhe apontou a grande estrada da civilização, mostrando ao Amazonas, como a todo paiz, que nada ha comparavel ao grandioso principio da confraternização humana. Ao Ceará cabe a iniciativa deste exemplo e desta gloria (*applausos*) que, na phrase de Joaquim Nabuco, é o periodo de acção da propaganda abolicionista do Imperio, e foi pelo influxo deste movimento que eu desde 1882 manifestei-me na camara dos Srs. deputados por essas idéas, que ufano-me de defender e sustentar.

Senhores, felizmente a humanidade não perde o seu tempo. Instigado por nossa perseverança, o governo já não é indifferente aos nossos reclamos, e ha bem poucos dias declarou ao parlamento que era preciso fazer alguma cousa ampliando a lei de 28 de Setembro e, mais do que isso, libertando desde já os escravos maiores de 60 annos. É muito pouca cousa, senhores, mas é um passo á frente, é o indicio de que não clamamos no deserto.

Não quero fazer o elogio do ministerio Dantas, porque, senhores, vivo muito desconfiado dos nossos governos (*riso*), entretanto o seu programma é o seguinte : Localisação provincial do escravo ; imposto da captação para libertação ; liberdade gratuita aos maiores de 60 annos.

É pouco, sem duvida, muito pouco. A localisação está feita de facto, ninguém importa ou exporta escravos. Em vez disto, deveria dizer o governo — fica prohibida a compra e venda de escravos (*applausos, muito bem*), pois acho que é necessario acabar por uma vez com esta mercadoria ignobil, com esta immoralidade que avilta o nosso character. Não julgo tambem de boa razão o imposto da captação, porque é injusto e vexatorio por sua natureza ; além de ser creado para indemnisar a escravidão, isto é, para comprar a liberdade, que como vos disse, é inalienavel e sagrada, nem todos os cidadãos podem ser obrigados a pagal-o, e menos as provincias que se acham livres. Estes já deram ao Estado muito dinheiro, alforriando gratuitamente os escravos que possuíam. A minha provincia, por exemplo, não deve ser obrigada a semelhante extorsão. (*Apoiados.*) O melhor imposto, o unico admissivel seria o desconto annual do valor do escravo.

O terceiro ponto do programma emancipador ou abolicionista do governo, é a libertação dos escravos maiores de 60 annos. O que é, senhores, o

que vale e significa essa libertação? Simplesmente cousa nenhuma. Entretanto, os retrogrados, nossos adversarios, ainda se oppõem a ella, mas desta vez por compaixão, por caridade. (*Riso; applausos.*) Dizem que esses pobres velhos ficarão desamparados, e dizem isto aquelles mesmos que lhes poem gargalheira ao pescoço, corrente aos pés.

Ah! senhores, chegue aos 60, 70 e 80 annos; mas venha a liberdade, venha esta última consolação servir-lhes, ao menos, por alguns minutos aos tristes e amargurados dias do longo captiveiro. (*Applausos prolongados.*) Os livres não apreciam a liberdade, como os bons não apreciam a saude; só os doentes e captivos comprehendem os divinaes encantos de tão admiraveis beneficios. O pobre e velho escravo, que ergue os olhos para o azul infinito do nosso céu, absorve-se n'um scismar de angustias, contemplando os dias amargurados de sua vida inteira entregue ao capricho do algoz e a sua propria desgraça. Dai-lhes a liberdade, senhores. (*Applausos.*)

E é porque fallamos assim, que abrimos o nosso coração ás alheias desventuras, que nos chamam de petroleiros, de socialistas, de proletarios, e não sei o que mais. Sim, senhores, somos os petroleiros das grandes idéas, somos os socialistas do amor, os proletarios da indignidade e da deshonra. Poderão dizer o mesmo os celebres clubs da lavoura, com os

seus estatutos inconstitucionaes, e com as suas disposições revolucionarios e verdadeiramente anarchicas? Appellam para as ameaças, para o sangue. Será possível, senhores, que a arvore da liberdade, como dizia um eloquente senador da revolução franceza, só dê bons fructos quando é regada com sangue?

Quem venceu nos Estados Unidos? foram os esclavocratas ou abolicionistas? Abrahão Lincoln morreu é verdade, mas a liberdade se fez, e perderam os seus beneficios. Hoje só temos é admirar o valor e grandeza daquelle paiz, o movimento extraordinario e progressivo da sua industria, o florescimento de suas artes, e imponente magestade de sua nacionalidade. (*Appoiado ; muito bem.*)

Esperemos, pois, senhores, pelos acontecimentos, certos de que chegará o dia anciosamente almejado por nós, em que possamos dizer que a nossa Constituição politica é a fé jurada de nossas liberdades. Não saiamos do terreno da legalidade, e confiemos nas virtudes do povo brasileiro, sabiamente illuminado por duas luzes, que não se apagam, a tribuna e a imprensa. Nos paizes livres, senhores, a justiça e o direito, como diz bellamente o litterato philosopho Villemain, tem o seu grande dia, nós teremos o nosso que se avizinha. (*Bravos.*)

Senhores, perdoai-me se illudi a vossa attenção, se abusei da vossa paciencia, mas levai com voseo a

certeza de que jamais deixarei o meu posto de honra; poderei ser esmagado, mas nunca vencido. *(O orador é calorosamente applaudido, abraçado e apresentado com flores.)*

